

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU
COM A LINHA DE SOMBRA
24 de Abril de 2025

O SOL, A CHUVA, E O DINHEIRO / 1975

um filme de Philippe Costantini

Realização: Philippe Costantini / **Colaboração:** Monique Rutler, Maria Paola, Paola, Sandra Adams, Jorg Bouquet, Anna Glogowski / **Com:** Os habitantes de Tourém (Montalegre) / **Produção:** Instituto de Tecnologia Educativa / **Cópia:** em DCP (suporte original em 16mm), preto e branco e cor, falada em português / **Duração:** 27 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 22 de Abril de 2024, “25 de Abril, Sempre – Parte I. O Movimento das Coisas – Por uma Cultura Popular”.

TERRA DE ABRIL / 1977

um filme de Philippe Costantini e Anna Glogowski

Realização: Philippe Costantini e Anna Glogowski / **Fotografia:** Philippe Costantini / **Música:** Aristides / **Direcção de Som:** Jorge Papoula / **Montagem:** Elizabeth Kapnist / **Com:** Os habitantes de Vilar de Perdizes (Trás-os-Montes) / **Produção:** Coprafilmes, INA / **Produtores Executivos:** Coline Serreau, Serge Lalou, Richard Copans / **Apoio:** Fundação Calouste Gulbenkian / **Série:** “Le Choc de Cultures” / **Cópia:** em DCP (suporte original em 16mm), preto e branco e cor, falada em português / **Duração:** 90 minutos / **Primeira apresentação pública:** 1977, televisão / **Primeira exibição na Cinemateca:** 1 de Janeiro de 1984, “37º Encontro com o Cinema Português”.

Duração total da projecção: 111 minutos.

conversa com Philippe Costantini e Anna Glogowski no final da projecção

Philippe Costantini e Anna Glogowski são dois dos muitos estrangeiros que filmaram em Portugal no pós-25 de Abril e dois importantes nomes associados à produção cinematográfica de cariz mais etnográfico dos últimos anos. É conhecida a sua profunda ligação com Jean Rouch, com quem colaboraram intensamente, ou o seu envolvimento nas origens dos Ateliers Varan, bem como a sua actividade em Moçambique e o trabalho que, desde há várias décadas, têm desenvolvido com regularidade em Portugal. No período a que reportam **O Sol, a Chuva, e o Dinheiro** (1975) e **Terra de Abril** (1977) Costantini foi por exemplo o responsável pelo som de **Máscaras** (1976), de Noémia Delgado, e colaborou com Fernando Matos Silva em **Argozelo** (1977), dois filmes que, como **O Sol, a Chuva, e o Dinheiro** e **Terra de Abril**, foram exibidos no exaustivo Ciclo “25 de Abril, Sempre”, programado na Cinemateca em 2014 nos quarenta anos do 25 de Abril, no núcleo que designámos “Por uma Cultura Popular”. Capítulo do programa que, encontrando as suas raízes no contexto do Cinema Novo,

revelava a importância associada à emergência de todo um cinema antropológico que se desenvolve depois de Abril em Portugal, em paralelo com um conjunto de títulos de registo mais militante, que interrogava as raízes míticas e simbólicas das tradições e do imaginário português, contribuindo mesmo para a sua recuperação. Desta tendência, que não é alheia à implementação do influente projecto do “Museu da Imagem e do Som” promovido pelo Centro Português de Cinema, e na qual a região de Trás-os-Montes desempenha um papel essencial, fazem parte estes e outros filmes de Philippe Costantini e Anna Glogowski, mas também **Falamos de Rio de Onor** (1974), de António Campos, **Máscaras**, de Delgado, ou **Trás-os-Montes**, de António Reis e Margarida Cordeiro (1976).

O Sol, a Chuva e o Dinheiro é um raríssimo documentário realizado por Philippe Costantini em 1975, que em 2014 foi mostrado pela primeira vez na Cinemateca, numa cópia em película produzida pelo laboratório da Cinemateca, realizada a partir de negativos depositados pelo seu produtor, o Instituto de Tecnologia Educativa (que deu lugar à Universidade Aberta), numa sessão conjunta de **Terra de Abril**. Dois filmes que agora podemos ver em novas cópias digitais, e que estão também presentes no DVD, cujo lançamento se assinala. Importante trabalho de cariz etnográfico, **O Sol, a Chuva e o Dinheiro** auto-apresenta-se como um “cinemoema colectivo” que envolve os habitantes de Tourém (Montalegre)". De algum modo, **O Sol, a Chuva e o Dinheiro** ensaia um interessante dispositivo, prolongado e apurado em **Terra de Abril**: a alternância entre a cor e o preto e branco, que traduz a alternância entre momentos de tempo diferentes mostrados em paralelo, correspondendo estes ao registo de uma movimentada feira em plena actividade, e aos comentários sobre essa mesma feira e sobre o quotidiano, proferidos pelos habitantes da região. São assim vários os tipos de acontecimentos que atravessam **O Sol, a Chuva e o Dinheiro**. Em primeiro lugar, acontecimentos de ordem atmosférica, conotados com as características intrínsecas do lugar, como as suas magníficas cores outonais; em segundo lugar, acontecimentos de ordem social e política, que sobressaem de outros retratos deste período e que apontam para muitas das contradições e dificuldades do período pós-revolucionário. Trata-se aqui de “sol” e de “chuva”, mas também de “dinheiro” e das consequências da inflação no comércio com a vizinha Espanha, da necessidade da venda do gado ao “desbarato”, ou da crise económica que então se aproximava, factores curiosamente sublinhados pelos vários “cartões” que pontuam um determinado momento do filme. É também sob muita chuva que observamos as campanhas dos vários partidos, que são um aspecto muito presente em todos os filmes deste Outono de 1975, assim como as significativas palavras de ordem, que durante tantos anos ocuparam as paredes portuguesas.

Para filmar **Terra de Abril**, Philippe Costantini e Anna Glogowski leram Jorge Dias (que inspirou igualmente António Campos), mas também os escritos do Padre António Fontes sobre “etnografia trasmontana” e os “usos e costumes do Barroso”, e partiram para Vilar de Perdizes, aldeia onde ainda vive hoje esta figura carismática da região. **Terra de Abril** acompanha os preparativos e a representação de um Auto Paixão de Cristo, que são intercalados com outros aspectos do quotidiano da povoação e dos seus habitantes. Oscilando entre a cor (a representação do Auto) e o preto e branco (tudo o resto), esta é também uma crónica de uma aldeia do nordeste trasmontano com uma forte tradição de emigração, em tempo de eleições. São muitas as tradições religiosas retratadas em filmes deste período, mas os “autos pascais” têm uma importante linhagem no cinema português, de **Auto da Floripes** (1962), realizado pela Secção de Cinema Experimental do Cineclub do Porto, ao mais famoso **Acto da Primavera**

(1963), de Manoel de Oliveira. O Auto de **Terra de Abril** revela como estas são tradições com características muito diferentes, que variam de aldeia para aldeia, e mesmo de representação para representação. Aqui o livro ancestral perdeu-se, pelo que há que reescrevê-lo de memória, um elemento essencial do filme, que está na raiz de muitas discussões sobre uma “história” que sempre esteve conotada com a oralidade.

Produzido pela Coprafilms e pelo INA para a série “Le Choc de Cultures”, **Terra de Abril**, foi também apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no quadro do já referido projeto do “Museu da Imagem e do Som”, estando na origem de dois outros documentários posteriores dos realizadores: **Les cousins d’Amérique** (1984) e **L’horloge du village** (1989). Indo mais longe do que **O Sol, a Chuva e o Dinheiro**, em **Terra de Abril** a dialéctica entre o preto e branco e a explosão de cor destaca um espaço-tempo ficcional que complexifica a representação do presente, ampliando contrastes que se revelam em vários aspectos da vida de Vilar de Perdizes: o trabalho nos campos com recurso aos animais, o cozer do pão no forno comunitário, mas também a construção das casas modernas dos emigrantes que, destoando das centenárias edificações em pedra, anunciam possíveis mudanças, afloradas nos filmes seguintes da trilogia. **Terra de Abril** foi filmado em 1976, pelo que a questão das eleições, nomeadamente as primeiras eleições para a Assembleia da República realizadas em 25 de Abril de 1976, já é tratada de forma mais explícita do que no filme anterior de Costantini. Fragmentos da realidade presente, que se interpenetram e cruzam com a representação ancestral da Paixão de Cristo, numa terra onde ainda restam os traços da vida comunitária.

Joana Ascensão